

Real tem pequena alta

■ BC eleva Selic a 39% e moeda americana cai pela primeira vez em 19 dias: R\$ 1,91

CRISTINA BORGES*

Pela primeira vez, desde que começou a derrocada do real, no dia 13 de janeiro, a cotação do dólar recuou ontem 3,7% em relação à de sexta-feira, baixando a R\$ 1,91, preço de fechamento informado por operadores. Segundo o Banco Central, entretanto, a valorização do real foi de apenas 0,98%, com o dólar médio cotado a R\$ 1,98. Enquanto a moeda americana dá os primeiros sinais de estar perdendo o fôlego, as taxas de juro não param de subir. O BC, na abertura do mercado, tornou dinheiro a 39%, elevando em dois pontos percentuais a taxa Selic (*over*, para um dia).

A nova elevação da taxa de juros básica da economia já é vista mais como limitador de consumo para conter o impacto da desvalorização sobre os preços, do que como um instrumento para segurar a cotação do dólar. A expectativa sobre a inflação passou a ter grande importância desde que o governo adotou a livre flutuação do câmbio. Juros altíssimos tiram dinheiro de circulação e provocam queda da atividade econô-

mica, o que, aliado ao desemprego, garante a restrição ao consumo recomendada pela direção do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Juros reais – Sérgio Werlang, professor da Escola de Pós-Graduação de Economia da Fundação Getúlio Vargas, chama a atenção para a taxa de juros reais, já descontada a inflação. Juros nominais de 39%, por exemplo, significam uma taxa real de 29% ou até mesmo 24%, caso a inflação neste ano fique entre 10% e 15%, conforme estima Werlang, que calcula a taxa de câmbio de R\$ 1,80 a R\$ 1,70.

A sinalização dada pela Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) aponta uma tendência de queda das taxas de câmbio e de juros. Os contratos de dólar para março fecharam a R\$ 1,85 e os de abril, a R\$ 1,87, com quedas acentuadas de 6,3% e de 7,5%, respectivamente. Os contratos futuros de juros também caíram muito. Para março a taxa projetada ao ano é de 52,28%, com redução de 10,7 pontos percentuais.

Passada a histeria da última sexta-feira, o mercado financeiro viveu um dia mais tranqüilo. Para isso contribuiu o fim da queda-de-braço entre

comprados (investidores que apostam na alta) e *vendidos* (que apostam na baixa) dos contratos futuros de dólar e juros na BM&F. Os exportadores já mostram que o preço do dólar está mais do que bom e começam a fechar contratos, aumentando, assim, a oferta da moeda americana.

Câmbio à vista – Uma *trading* de grande porte informou que realizou várias operações de fechamento de câmbio à vista, ontem. A empresa ainda negociou com um banco dos EUA uma linha no valor de US\$ 10 milhões, acertando o modelo da operação, sem contudo fechar custos e taxas, aguardando um câmbio mais apropriado ante a expectativa de queda.

A volta dos exportadores ao mercado para fechar câmbio e o recuo das especulações contra o real teriam explicação, ainda, nas notícias de retorno de Emílio Garófalo (atualmente na Câmara de Comércio Exterior) à mesa de operações do BC. Exímio operador, Garófalo teria carta branca do diretor da Área Internacional, Demóstenes de Madureira Pinho Neto.

Ontem, primeiro dia da unificação entre o câmbio comercial e flu- tuante, as mesas de operação não ti-

veram informações sobre o fluxo de entrada e saída de dólar. Quando o fluxo era negativo, as cotações dos títulos da dívida externa imediatamente caíam. Ontem, o C-Bond subiu 5,6% e o IDU, 2,4%.

As bolsas de valores operaram em forte alta. Em São Paulo, a Bovespa subiu 8,8%, com volume financeiro de R\$ 566,69 milhões. No Rio, a alta foi de 6,6%, com R\$ 43,4 milhões.

■ O Banco Central vai investigar os contratos de câmbio feitos na BM&F na última sexta-feira, para apurar se houve transações artificiais com o objetivo de aumentar a taxa de câmbio. São operações conhecidas como “Zé com Zé”, ou seja, casadas. Nesse tipo de negócio, dois compradores combinam uma subida da taxa para aumentar o prêmio. O BC acredita que a alta do dólar frente ao real na sexta, quando chegou a bater em R\$ 2,15, foi forjada e totalmente descolada da realidade do fluxo cambial, que durante quase todo aquele dia havia sido positivo.